

Robert J. MacMahon

Guerra Fria

Tradução de ROSAURA EICHENBERG

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
CAPÍTULO 1: A Segunda Guerra Mundial e a destruição da antiga ordem.....	9
CAPÍTULO 2: As origens da Guerra Fria na Europa: 1945-1950.....	25
CAPÍTULO 3: Rumo à “Guerra Quente” na Ásia: 1945-1950.....	46
CAPÍTULO 4: Uma Guerra Fria global: 1950-1958.....	69
CAPÍTULO 5: Do confronto à détente: 1958-1968.....	93
CAPÍTULO 6: Guerras Frias dentro de cada país	122
CAPÍTULO 7: Ascensão e queda da détente das superpotências: 1968-1979.....	140
CAPÍTULO 8: A etapa final: 1980-1990	163
LEITURAS COMPLEMENTARES	191
ÍNDICE REMISSIVO.....	196
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	205
LISTA DE MAPAS	207

PREFÁCIO

Escrever uma história compacta do conflito que dominou e em grande parte definiu as relações internacionais por quase meio século revelou-se uma tarefa ao mesmo tempo desafiadora, emocionante e destemida. Existem monografias detalhadas, muitas delas excelentes e bem mais longas do que o presente volume, para praticamente cada um dos principais acontecimentos, crises, tendências e personalidades discutidos neste livro necessariamente fino. Além disso, debates eruditos vigorosos e muitas vezes vituperadores clamaram com fúria sobre quase todos os aspectos da história da Guerra Fria. Esses debates têm sido avivados e aprofundados em anos recentes com a divulgação de evidências documentais antes secretas dos arquivos dos Estados Unidos, da Rússia, da Europa Oriental, da China e de outros lugares – e pelas novas perspectivas proporcionadas pela passagem do tempo. Consequentemente, este livro não pretende – nem poderia – ser a última palavra sobre a Guerra Fria ou representar uma abordagem que chegue perto de uma história abrangente desse conflito complexo e multifacetado.

Observando os objetivos gerais da presente série, minha meta foi fornecer um amplo panorama interpretativo, acessível tanto aos estudantes quanto aos leitores em geral. Este livro oferece um relato geral da Guerra Fria, compreendendo o período desde 1945 até o desfecho final do confronto soviético-americano em 1990. Elucida acontecimentos, tendências e temas de importância capital, recorrendo, para tanto, a alguns dos estudos recentes mais importantes sobre a Guerra Fria. Procurei, acima de tudo, dar aos leitores um fundamento essencial para compreender e avaliar um dos acontecimentos seminais na história do mundo moderno.

Inevitavelmente, tive de fazer escolhas difíceis em termos do que relatar, e do que omitir, sobre um conflito que abrangeu quatro décadas e meia e abarcou quase o globo

inteiro. As limitações de espaço impediram o tratamento de alguns episódios significativos e impuseram o tratamento mais abreviado possível de outros. Decidi também dar pouca atenção às dimensões militares da Guerra Fria, em parte porque outros volumes desta série serão dedicados às guerras da Coreia e do Vietnã. O que se segue é, portanto, uma breve introdução à Guerra Fria, escrita a partir de uma perspectiva internacional e de um ângulo de visão pós-Guerra Fria. As principais questões-chave abordadas pela narrativa incluem: como, quando e por que a Guerra Fria começou? Por que se arrastou por tanto tempo? Por que passou de suas origens iniciais na Europa pós-guerra a abranger quase o mundo todo? Por que terminou tão repentina e inesperadamente? E que impacto teve?

Sou grato a Robert Zieger, Lawrence Freedman e Melvyn Leffler, cada um dos quais leu o manuscrito e deu sugestões valiosas para o seu aperfeiçoamento. Agradeço também a Rebecca O'Connor pelo estímulo, conselho e apoio durante todo o empreendimento, além de toda a equipe editorial da Oxford University Press, que tornou o trabalho neste livro um prazer.

CAPÍTULO 1

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A DESTRUIÇÃO DA ANTIGA ORDEM

As explicações para o início da Guerra Fria devem começar com a Segunda Guerra Mundial. Conflito que se classifica, por qualquer medida concebível, como o mais destrutivo da história humana, a Segunda Guerra Mundial gerou níveis inigualáveis de morte, devastação, privação e desordem.

“A conflagração de 1939-1945 foi tão dilaceradora, tão profunda, que um mundo foi derrubado”, nota o historiador Thomas G. Paterson, “não simplesmente um mundo humano de trabalhadores, agricultores, negociantes, financistas e intelectuais sadios e produtivos, não simplesmente um mundo seguro de famílias e comunidades unidas, não simplesmente um mundo militar de tropas de assalto nazistas e camisas japoneses, mas tudo isso e muito mais.” Ao desestabilizar também “o mundo da política estável, da sabedoria herdada, das tradições, instituições, alianças, lealdades, comércio e classes”, a guerra criou as condições que tornaram altamente provável, se não inevitável, o conflito das grandes potências.

Um mundo derrubado

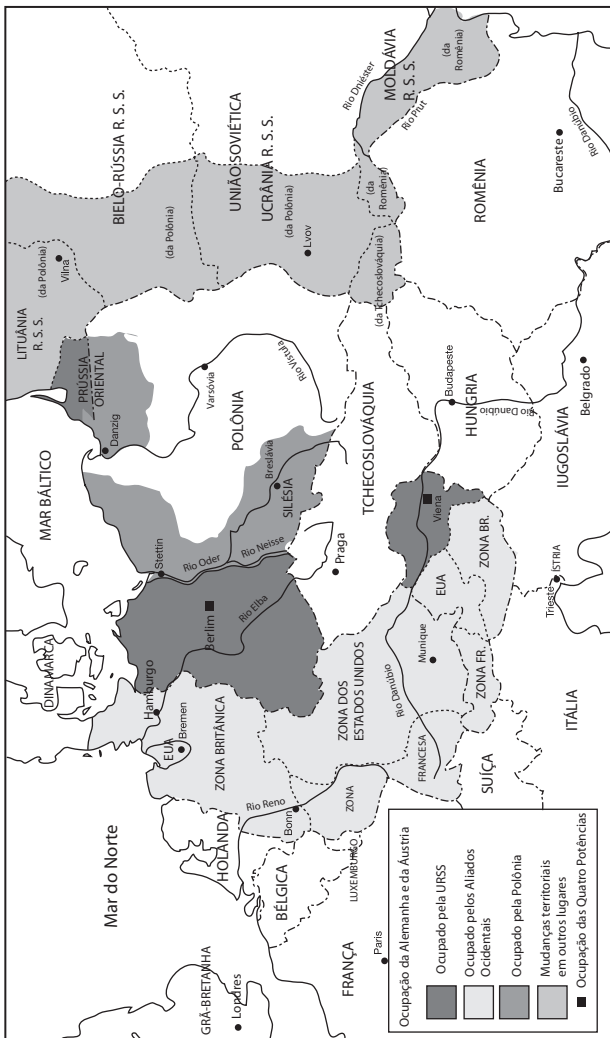
Aproximadamente 60 milhões de pessoas perderam a vida como resultado direto da guerra, e ao menos dois terços delas não eram combatentes. Os derrotados na guerra, os Estados do Eixo – Alemanha, Japão e Itália –, sofreram mais de 3 milhões de mortes civis; seus conquistadores, os Aliados, sofreram muito mais: ao menos 35 milhões de mortes civis. Pereceram espantosos 10 a 20% das populações totais da União Soviética, Polônia e Iugoslávia e entre 4 e 6% das populações totais da Alemanha, Itália, Áustria, Hungria, Japão e China. Se o número exato de vítimas dessa conflagração

mundial dilaceradora continua a desafiar todos os esforços para se chegar a uma estatística precisa, a magnitude das perdas humanas que exigiu permanece sem dúvida tão chocantemente inescrutável duas gerações depois da Segunda Guerra Mundial quanto o era nos primeiros anos após o conflito.

Ao final da guerra, grande parte do continente europeu estava em ruínas. O primeiro-ministro britânico Winston S. Churchill, em sua prosa caracteristicamente vívida, descreveu a Europa pós-guerra como “um monte de entulho, um ossuário, um terreno fértil para a pestilência e o ódio”. Berlim era “uma terra completamente devastada”, observou o correspondente William Shirer, “acho que jamais houve uma destruição em tal escala”. De fato, muitas das maiores cidades da Europa Central e Oriental sofreram níveis comparáveis de devastação; 90% das edificações em Colônia, Düsseldorf e Hamburgo foram destruídas pelos bombardeios dos Aliados, assim como 70% das existentes no centro de Viena. Em Varsóvia, relatou John Hershey, os alemães “tinham destruído, sistematicamente, rua por rua, beco por beco, casa por casa. Nada restou senão um arremedo de arquitetura”. O embaixador dos Estados Unidos Arthur Bliss Lane, depois de entrar, em julho de 1945, naquela cidade destroçada pela guerra, escreveu: “O odor enjoativamente doce de carne humana queimada era um aviso sombrio de que estávamos entrando numa cidade de mortos”. Na França, ao menos um quinto dos edifícios foi danificado ou destruído; na Grécia, um quarto. Até a jamais ocupada Grã-Bretanha sofreu danos extensos, sobretudo com os bombardeios nazistas, enquanto perdia aproximadamente um quarto do total de sua riqueza nacional ao longo do conflito. As perdas soviéticas foram as mais graves de todas: pelo menos 25 milhões de mortos, outros 25 milhões de desabrigados, 6 milhões de edifícios destruídos e grande parte do parque industrial e da terra agrícola devastada. Por toda a Europa, ao menos 50 milhões dos sobreviventes haviam sido arrancados de seus lugares de origem pela guerra, uns 16 milhões deles denominados eufemisticamente “pessoas deslocadas” pelos vitoriosos Aliados.

As condições na Ásia do pós-guerra eram quase tão sombrias. Praticamente todas as cidades do Japão haviam sido destruídas pelos bombardeios implacáveis dos Estados Unidos, com 40% de suas áreas urbanas tendo sido completamente destruídas. Tóquio, a maior metrópole do Japão, foi destruída pelas bombas incendiárias dos Aliados, que derrubaram mais da metade de seus edifícios. Hiroshima e Nagasaki tiveram destino ainda mais terrível quando as duas explosões atômicas que puseram fim à Guerra do Pacífico acabaram com as duas cidades. Aproximadamente 9 milhões de japoneses estavam desabrigados quando seus líderes finalmente se renderam. Na China, um campo de batalha por mais de uma década, o parque industrial da Manchúria estava em ruínas, e a rica terra agrícola do Rio Amarelo, tragada por inundações. Cerca de 4 milhões de indonésios morreram como resultado direto ou indireto do conflito. Um milhão de indianos sucumbiram à fome causada pela guerra em 1943, mais um milhão de pessoas na Indochina dois anos mais tarde. Embora grande parte do Sudeste Asiático tenha sido poupada dos horrores diretos da guerra que recaíram sobre o Japão, a China e várias ilhas do Pacífico, outras regiões, como as Filipinas e a Birmânia, não tiveram tanta sorte. Durante a fase final da guerra, 80% dos edifícios de Manila foram arrasados numa luta selvagem. Um combate igualmente brutal na Birmânia, segundo o testemunho do líder político durante a guerra, Ba Maw, “reduziu uma enorme parte do país a ruínas”.

A enorme trilha de morte e destruição precipitada pela guerra deixou em ruínas não só grande parte da Europa e da Ásia, mas também a antiga ordem internacional. “Toda a estrutura e toda a ordem mundial que tínhamos herdado do século XIX desapareceram”, admirava-se o assistente do secretário de Estado dos Estados Unidos Dean Acheson. Na verdade, o sistema internacional eurocêntrico que havia dominado as relações mundiais nos 500 anos anteriores desaparecera virtualmente da noite para o dia. Dois gigantes militares do tamanho de um continente – já sendo apelidados de



Mapa I. Europa Central depois da Segunda Guerra Mundial.

superpotências – haviam surgido em seu lugar, cada um querendo forjar uma nova ordem de acordo com suas necessidades e seus valores. Quando a guerra entrou na fase final, até o observador mais casual da política mundial podia ver que os Estados Unidos e a União Soviética detinham a maioria dos trunfos militares, econômicos e diplomáticos. Quanto a um objetivo básico, esses adversários transformados em aliados estavam essencialmente de acordo: alguma aparência de autoridade e estabilidade precisava ser restaurada com rapidez – e não apenas para aquelas áreas diretamente afetadas pela guerra, mas também para o sistema internacional mais amplo. A tarefa era tão urgente quanto destemida, como alertou o subsecretário de Estado norte-americano Joseph Grew em junho de 1945: “A anarquia pode vir a ser o resultado da desgraça econômica e da inquietação política de agora”.

As raízes imediatas da Guerra Fria, ao menos em termos estruturais amplos, estavam na intersecção entre um mundo prostrado por um conflito global devastador e as receitas conflitantes de ordem internacional que Washington e Moscou procuravam impor a esse mundo influenciável e despedaçado pela guerra. Sempre que uma ordem internacional predominante e seu sistema de equilíbrio de poderes são derrubados, o resultado é invariavelmente algum grau de conflito. Nada menos seria de se esperar quando essa derrubada ocorre tão avassaladoramente de uma hora para outra. A tensão, a suspeita e a rivalidade que passaram a atormentar as relações dos Estados Unidos e da União Soviética nos primeiros anos do pós-guerra não eram, nesse sentido elementar, uma surpresa. Mas o *grau* e o *alcance* do conflito resultante, e particularmente a sua *duração*, não podem ser explicados apelando-se tão somente a forças estruturais. A história, afinal, oferece vários exemplos de grandes potências trilhando o caminho do compromisso e da cooperação, optando por agir de comum acordo de modo a estabelecer uma ordem internacional mutuamente aceitável, capaz de satisfazer os interesses mais fundamentais de cada uma. Os estudiosos têm empregado o termo “condomínio de grandes

potências” para descrever esses sistemas. Entretanto, apesar das esperanças de alguns líderes do mundo oficial tanto dos Estados Unidos quanto da União Soviética, não seria esse o caso dessa vez. As razões para isso estão no âmago da origem da Guerra Fria. Em suma, foram as aspirações, as necessidades, as histórias, as instituições de governo e as ideologias divergentes dos Estados Unidos e da União Soviética que transformaram as tensões inevitáveis no confronto épico de quatro décadas que chamamos de Guerra Fria.

Visões americanas da ordem pós-guerra

Os Estados Unidos emergiram do naufrágio da Segunda Guerra Mundial com perdas relativamente moderadas. Embora cerca de 400.000 soldados e marinheiros da nação tivessem dado sua vida na luta contra as potências do Eixo, aproximadamente três quartos deles no campo de batalha, cabe enfatizar que esses números representam menos de 1% da soma total de mortos na guerra e menos de 2% das perdas sofridas pelo parceiro soviético dos Estados Unidos. Para a maioria dos civis americanos, num contraste assombroso com seus congêneres na Europa, na Ásia Oriental, na África do Norte e em outros lugares, a guerra não significou sofrimento e privação, mas prosperidade – até mesmo abundância. O produto interno bruto da nação dobrou entre 1941 e 1945, propiciando as maravilhas de uma economia de pleno emprego altamente produtiva a cidadãos que estavam acostumados às privações impostas por uma década de depressão. Os salários reais elevaram-se rápida e dramaticamente durante os anos da guerra, e os americanos do front doméstico viram-se inundados numa cornucópia de bens de consumo agora acessíveis ao seu poder de compra. “O povo americano”, observou o diretor do Departamento de Mobilização e Reconversão de Guerra, “está na agradável situação de ter de aprender a viver de um modo 50% melhor do que jamais experimentara antes.”

Em março de 1945, o recém-empossado presidente Harry S. Truman afirmava algo evidente quando comentou:

“Saímos desta guerra como a nação mais poderosa do mundo – talvez a nação mais poderosa de toda a história”. Todavia, nem os benefícios econômicos conferidos ao povo americano pela guerra, nem o poder militar, a força produtiva e o prestígio internacional nas alturas, alcançados pela nação durante a luta contra a agressão do Eixo, podiam diminuir as incertezas assustadoras do novo mundo introduzido pela guerra. O ataque japonês a Pearl Harbor despedaçou definitivamente a ilusão de invulnerabilidade que os americanos tinham desfrutado desde o fim das Guerras Napoleônicas do início do século XIX. A obsessão pela segurança nacional, que se tornou um tema tão central da política externa e de segurança durante toda a era da Guerra Fria, tem sua origem nos acontecimentos desmistificadores dessa ilusão que culminaram no ataque japonês de 7 de dezembro de 1941. Somente com os ataques terroristas a Nova York e a Washington, 60 anos mais tarde, é que os americanos experimentaríamos de novo uma agressão tão direta, e tão inteiramente inesperada, à sua terra natal.

Os estrategistas militares aprenderam várias lições com o ousado ataque japonês, cada uma das quais com profundas implicações para o futuro. Convenceram-se primeiro de que a tecnologia, e especialmente o poder aéreo, havia encolhido o globo de tal forma que a propalada barreira de dois oceanos da América já não propiciava proteção suficiente contra ataques externos. A verdadeira segurança requeria então uma defesa que começava bem além das praias nacionais – uma defesa em profundidade, no jargão militar. Esse conceito fez as autoridades da defesa das administrações Roosevelt e Truman advogarem o estabelecimento de uma rede global integrada das bases aéreas e navais controladas pelos Estados Unidos, bem como a negociação de direitos de amplo trânsito aéreo militar. Juntas, essas duas medidas permitiriam que os Estados Unidos estendessem seu poder com mais facilidade a lugares potencialmente problemáticos e sufocassem ou impedissem futuros inimigos muito antes que eles obtivessem o poder de atacar o território americano.